

Imigração qualificada: o estudo de caso de músicos italianos na cidade de Porto Alegre (1875-1930)

Leonardo de Oliveira Conedera¹

A presente comunicação pretende analisar a contribuição de profissionais italianos que imigraram para o Brasil, focalizando o estudo de caso de músicos peninsulares que se radicaram em Porto Alegre na primeira metade do século XX. Então, visa-se apresentar a trajetória profissional de um grupo de músicos provenientes da Itália meridional cuja atuação foi significativa para o desenvolvimento da música no estado do Rio Grande do Sul. Além disso, pretende-se destacar a questão da imigração qualificada e do papel desempenhado por imigrantes no meio urbano brasileiro. A partir da imigração qualificada verifica-se também a existência de redes sociais que viabilizaram o deslocamento e o ingresso de novos profissionais no país. Vale lembrar que pesquisas recentes (publicadas na Itália e no Brasil) ressaltam a atuação de imigrantes italianos qualificados como arquitetos, artesões, médicos contribuíram, substancialmente, para os desenvolvimentos dos centros urbanos onde se inseriram.

Palavras-chaves: imigração italiana, imigração qualificada, redes sociais, músicos italianos

No presente artigo pretende-se analisar o estudo de caso de músicos italianos que se fixaram na primeira metade do século XX em Porto Alegre. A partir deste estudo de caso, visa-se apontar questões que vislumbram a multifacetada variabilidade de ofícios e profissões desempenhados pelos imigrantes peninsulares nas mais distintas sociedades onde se instalaram.

Neste texto também se procura enfatizar a questão da imigração qualificada apontando os mais variados misteres desempenhados por imigrantes italianos nos centros urbanos brasileiros.

Porém, antes de discorrer sobre o estudo de caso dos músicos italianos de Porto Alegre apresenta-se o contexto no qual a presente análise está inserida.

Imigração Italiana na América e no Brasil

Um século, de 1860 a 1960, mais de 20 milhões de pessoas abandonaram a península e mais de sete milhões radicaram-se no exterior. Os fluxos emigratórios

¹ Doutorando de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Bolsista do CNPQ.

aumentaram no último quartel do século XIX. Dos portos de Gênova e Nápoles partiam navios cheios de indivíduos dispostos a buscar novas oportunidades em outros destinos (CONSTANTINO, 2007, p.396).

A imigração é um fenômeno complexo que abrange uma multiplicidade de fatores de expulsão e atração. No caso italiano, várias nuances favoreceram a mobilidade de seus cidadãos.

Entre 1876 e 1914, Antonio Golini e Flavia Amato salientam que a emigração dos peninsulares decorreu, principalmente, por dois fatores de expulsão, um econômico-social e o outro político. O primeiro estava inter-relacionado com a economia pós-Unificação italiana, cujo alicerce era a agricultura e que sofreu duras perdas entre 1873 e 1879, quando houve a primeira grande depressão mundial, o que levou os preços dos produtos agrícolas a caírem de maneira drástica. Isso acarretou grave crise social e os agricultores encontraram na emigração a única alternativa para a miséria (2002, p. 48).

O segundo fator vincula-se com a política emigratória tomada pelo governo italiano, que se caracterizava pela ausência de fiscalização e de tutela por parte das autoridades, visto que não existia uma lei orgânica que regulamentasse a saída dos emigrantes. Nesse período, portanto, a emigração caracterizava-se, majoritariamente, como espontânea e/ou clandestina. Também para colaborar com tal contexto a lei Crispi, de 1888, sancionou o direito de liberdade para os italianos partirem de sua terra natal. Deste modo, o binômio crise econômica e política liberal agiu como facilitador à emigração italiana (Ibid. p.49).

É importante frisar que os peninsulares chegaram à América do Sul em um contexto de transformação Vittorio Cappelli aponta que:

A história urbana da América do Sul supera a fase da cidade capital, entrando naquela fase mais articulada da rede urbana, composta de numerosas cidades, pequenas e médias, assim como de novos municípios. Em 1870, as cidades com mais de 100.000 habitantes eram somente seis em toda a América do Sul; em 1900 tornam-se 13, e em 1930 são 35. No Brasil, no início do século XX, 10% da população vivia em cidades com mais de 10.000 habitantes. Os municípios, que eram 618 em 1871, tornam-se 1.168 em 1910; entre 1871 e 1920, aqueles que tinham como sede uma cidade com 5.000 habitantes, no

mínimo, se quadruplicaram entre 1871 e 1920, passando de 200 a 800 municípios (2007, p.12).

O continente americano proporcionava grandes possibilidades de emprego e a publicidade de elevada remuneração corroboraram para o deslocamento de uma grande massa de indivíduos. Além disso, as bibliografias desenvolvidas por viajantes que descreviam sobre as riquezas e ensejos presentes nos países do Novo Mundo cooperaram para aumento do fluxo migratório (CORTI, 2007, p.24-25).

É importante referir que no caso italiano, por exemplo, a experiência dos Ligures revela a existência de precoces movimentos migratórios que já, no final do século XVIII até o início do XIX, tinham como destino as Américas, e em particular o Rio da Prata (Ibid. p.27-29).

O fluxo migratório de 1845 a 1915 períodos no qual, convencionalmente, delimita-se a primeira grande emigração transoceânica. Neste espaço de tempo, a Itália foi o segundo país em termos quantitativos de maior êxodo, sendo precedida apenas pela Grã Bretanha (Ibid. p.29). Além disso, na segunda metade do século XIX, a mobilidade tradicional alterou-se para uma migração de longa duração, quando não definitiva por aqueles indivíduos que partiam de sua terra de origem (COLUCCI; SANFILLIPPO, 2010, p.41).

A América do Sul foi um dos grandes pólos da migração transoceânica onde as independências das coroas ibéricas foram alcançadas na primeira metade do oitocentos. O Brasil e a Argentina, principalmente, atraíram inúmeros imigrantes europeus para trabalharem em seus mercados internos.

Outra necessidade cujos imigrados preencheriam seria a de povoar os países sul-americanos (Argentina, Brasil, Chile, Uruguai) que neste período possuíam uma baixa densidade demográfica (CORTI, 2007, p.32).

É importante salientar que a emigração transoceânica começou muito antes da Unificação italiana (1861). Esta era motivada por desastres naturais e baseada em uma longa frequência. Por exemplo, os soldados “napolitanos” eram enviados para a América Latina já no século XVII, assim como os contatos comerciais com as regiões

americanas cresceram no decorrer do setecentos. Os Bourbons também utilizavam no princípio do século XIX, o Novo Mundo como exílio forçado para os seus próprios prisioneiros, principalmente aqueles políticos. Assim, no oitocentos a opção pelos Estados Unidos, Argentina, Brasil foi consequência de um processo já encaminhado (COLUCCI; SANFILLIPPO, 2010, p.50-51).

Os estudos historiográficos ainda evidenciam diferentes nuances entre a mobilidade verificada nas Regiões² italianas. De 1876 a 1900 do Norte (especialmente do Veneto, Friuli-Venezia Giulia e Piemonte) foi o principal exportador de indivíduos. A partir de 1901 tornou-se proeminente o Sul: particularmente a Sicília, a Campânia e a Calábria. As Regiões do *mezzogiorno*³ contribuíram aproximadamente com 13% dos emigrados entre os anos de 1876-1880, com 27% entre 1881-1890, com 33% entre 1891-1900 e com 47% entre 1901-1910. As cifras das partidas aumentaram paulatinamente nas Regiões do Sul, a maioria transferiu-se em direção aos países americanos, enquanto os setentrionais preferiram as destinações européias (Ibid. p.33-34).

Imigração qualificada

Durante a grande emigração (1876-1914), os estudos acerca da imigração italiana referem que o maior contingente de peninsulares, que emigraram, era constituído, majoritariamente, por uma massa de trabalhadores sem qualificação como trabalhadores braçais (*braccianti*), camponeses (*contadini*). Entretanto, nesta fase migratória, diversos italianos com qualificação também seguiram em direção à América.

Por exemplo, das zonas do Apenino meridional as partidas em direção ao exterior iniciaram muito cedo, enquanto a emigração das áreas planas e costeiras ocorreu mais tarde e correspondeu a uma relevante transformação de todo o sistema econômico italiano. Tal mudança aconteceu nos anos que precederam o *Risorgimento*. (Ibid. p.48). Durante o oitocentos, Cappelli, em suas pesquisas sobre a imigração de peninsulares para as áreas periféricas da América Latina, explica que a:

² Regiões - refere-se às unidades territoriais (*Regioni*) na Itália. O país é constituído por 20 Regiões, subdivididas em províncias.

³ *mezzogiorno* – refere-se ao sul da Itália.

Emigração espontânea é constituída frequentemente por correntes migratórias que partem de uma pequena área na Itália meridional, no limite entre as províncias de Cosenza, Potenza e Salerno, portanto entre três regiões italianas: Calábria, Basilicata e Campânia. Trata-se de uma parte do Apenino meridional, onde o fenômeno da emigração para as Américas manifesta-se de forma precoce, já a partir da década de 1860, estimulando uma ativa experiência de mobilidade, relacionada a hábitos dos vendedores ambulantes e, sobretudo, ao articulado mundo dos artesãos: douradores, artífices em estanho e em cobre, cinzeladores, prateiros, ourives, caldeireiros, fabricantes de instrumentos de corda, tintureiros, alfaiates, sapateiros (2007, p.10).

Os italianos – que tinham uma qualificação superior ou conhecimentos técnicos em determinado ofício – buscavam os centros urbanos que estavam desenvolvendo-se e crescendo no final do século XIX e no início do XX.

Diversos imigrantes também escolhiam cidades menores, como ocorreu, por exemplo, no norte do Brasil e na América Central. Muitos emigrados fixavam-se em localidades portuárias em crescimento na virada para o século XX, como Barranquilla e Guayaquil (Ibid., p.11).

No Brasil, a imigração italiana não havia um grande destaque nas profissões liberais no contexto urbano. Todavia, em 1930, existiam 83 escritórios de arquitetura e engenharia, 150 médicos e cirurgiões, uma elevada quantidade de professores, músicos (TRENTO, p.132). Angelo Trento enfatiza que:

Em proporção, entre todos, os músicos eram os mais numerosos, em virtude da frequência com que as companhias líricas chegavam ao Brasil para turnês mais ou menos prolongadas nas várias cidades. Uma vez aqui, muitos resolviam ficar, dada a falta de concorrência. Só como anedota, devemos lembrar que a primeira regência a de Arturo Toscanini aconteceu no Rio de Janeiro em 1886, quando ainda jovem e obscuro violoncelista, foi obrigado a subir no palco devido a um surto de febre amarela que atingiu boa parte dos membros da companhia da qual fazia parte (Ibid., p.132) .

Acerca da imigração qualificada de peninsulares no Brasil é preciso salientar as pesquisas recentes de Antonio de Ruggiero e Renato Menegotto que apontam questões vislumbrando a multifacetada variabilidade de misteres e profissões desempenhados pelos imigrantes peninsulares nas mais distintas sociedades onde se instalaram.

Segundo Ruggiero, a imigração dos toscanos apresentou uma peculiaridade de apresentar elevado número de artesãos especializados, isto é, uma imigração qualificada de profissionais que trabalhavam como escultores, marmoristas (2011, p.181-183). Ruggiero ainda aponta que

Seja do Circondario di Castelnuovo Garfagnana ou naquele de Massa Carrara, para muitos pedreiros, cinzeladores, serventes, mas também “artistas escultores” e “decoradores”, que partiram em direção à América do Sul com a finalidade de colher o fruto das suas próprias competências. Nas cidades brasileiras até o final do século XIX esta corrente de emigração profissionalmente qualificada haverá uma posição proeminente e caracterizara em boa parte o fenômeno migratório toscano (Ibid. p.183).

Renato Menegotto, em sua investigação sobre os arquitetos e construtores peninsulares que se transferiram e realizaram seus projetos arquitetônicos em Porto Alegre no período de 1890 a 1930, frisa a participação de estrangeiros na construção civil na capital gaúcha. A pesquisa de Menegotto evidenciou o trabalho de profissionais italianos que trouxeram inovações no Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, os emigrados atendiam a uma demanda que se fazia necessária pela sociedade porto-alegrense (2011, p. 270-275).

No Brasil meridional, em Porto Alegre, os músicos italianos foram profissionais presentes, especialmente a partir do último decênio do século XIX. Sabe-se que, entre 1880 a 1910, professores peninsulares, como Blume, Diosesi, Garbini, Légori, Luchesi, Panisi, Pedotti, Qualia, Roberti e Stella lecionaram música na capital gaúcha. Esses artistas participaram de atividades religiosas, teatrais e nas sociedades amadoras do município (LUCAS, 1980, p. 163).

Nas cidades do Norte do Brasil e nos países da América do Sul e Central (como Caracas, Quetzaltenango, Barranquilla, Guayaquil entre outras) a presença italiana aportava seduzida pelo crescimento urbano e pela oportunidade de empreender no ramo de construção erigindo prédios públicos e privados, reorganizando praças e locais públicos, colocando monumentos e obras decorativas. Logo, arquitetos, construtores, mestres-de-obras e artistas italianos realizavam os projetos, a execução e a decoração de edifícios, teatros e igrejas (CAPPELLI, 2007, p.14). Paola Corti lembra que:

Nos centros urbanos e nas áreas comerciais para emigrar eram de fato os artesãos, ou de todas as formas os detentores de competências que não podiam ser mais exercitadas lá onde aconteciam transformações que comportariam a perda da própria autonomia profissional. Alguns destes misteres ligavam-se a uma radicada mobilidade, de relações de trabalho estabelecidos também sobre um extenso raio territorial, a partir das relações e contatos que foram de grande importância para abrir as estradas para as Américas e para ampliar os horizontes migratórios com a atração de novos mecanismos de chamada. Não se pode de fato descuidar que um dos instrumentos para a multiplicações dos fluxos migratórios foram em grande parte, como acontece hoje, as informações, os chamados, os elos, interpessoais entre os emigrados – assim ditas correntes migratórias –, acompanhados pela amplificação fornecida por meios de comunicação (2007, p.VII-VIII).

Então, o registro de migração intelectual e artística, como aquela camponesa e artesã valoriza e apresenta a multiplicidade de misteres exercidos pelos no contexto urbano das cidades americanas (CAPPELLI, 2007, p.15).

Músicos Italianos no Brasil

Em meio ao êxodo migratório, inúmeros músicos peninsulares partiram da Itália em busca de melhores oportunidades e novos ares para o desenvolvimento de sua atividade artística.

A entrada de músicos italianos nas principais cidades da América devia-se ao grande número de companhias líricas que se apresentavam nos principais palcos da América como Metropolitan de Nova Iorque, Colón de Buenos Aires, Sólis de Montevideu e o Municipal do Rio de Janeiro (CAMERANA, p.2005, p.195).

Diversos diretores de orquestra, cantores, compositores e maestros italianos passaram pela América Latina. Estes profissionais vinham compondo, habitualmente, as várias companhias líricas e operísticas. Além disso, a alta remuneração exercia forte atrativo para a vinda desses artistas (CORAZZOL, 2012, p.132-135). Adriana Corazzol comenta que:

Em 1890 aparece Puccini na América Latina, buscando recuperação econômica, diante das poucas perspectivas oferecidas na Itália. Michele, o irresponsável irmão menor, que interrompera os estudos no

Conservatório antes de conseguir o diploma em composição musical, iniciara sua aventura argentina em 1889, concluída tragicamente no Rio de Janeiro, em 12 de março de 1891(2012, p.136).

No Brasil, por exemplo, a presença de musicistas italianos precede o movimento de massa. Em 1840, já há registro de artistas italianos atuando como professores de canto, violino ou piano em muitas capitais brasileiras como Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro (CENNI, 1975, p. 364-365).

Os músicos italianos foram personagens importantes que colaboraram para o desenvolvimento da música e de artistas no Brasil. Franco Cenni elucida que:

Durante muitos anos, o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, que em 1923 chegou a contar com mais de 1.500 alunos, foi praticamente formado por professores italianos. (...) A cultura musical paulista é, portanto, de inconfundível origem italiana. A maior parte dos professores daquela disciplina, quando não italianos ou seus descendentes, tem estudado pela escola que os peninsulares introduziram com tanto sucesso. Também entre os instrumentistas das orquestras hoje existentes em São Paulo e no Rio de Janeiro, poucos são os que não têm nome italiano (1975, p. 366-367).

No contexto urbano dos países da América, dentre os inúmeros misteres praticados por peninsulares encontravam-se músicos ambulantes (TRENTO, 1989, p.131). Ou seja, os musicistas italianos eram figuras presentes tanto nos palcos dos principais teatros, como também nas praças.

No Sul do Brasil, no Rio Grande do Sul, durante o final do oitocentos e no princípio do novecentos, através do surgimento de novas sociedades amadoras, começaram a despontar e crescer o número de músicos profissionais na sociedade rio-grandense, juntamente com a disseminação do comércio de instrumentos musicais, que ficou a cargo de comerciantes alemães ou de descendentes germânicos (LUCAS, 1980, p.158-163).

No princípio do século XX, sociedades musicais foram criadas pelas principais capitais brasileiras como Rio de Janeiro (1907), São Paulo (1913), Porto Alegre (1910⁴)

⁴ Em Porto Alegre foram organizadas uma organização musical que se nominava: Sociedade Musical Porto-Alegrense em 1855, posteriormente, em 1900, outra instituição com o mesmo nome, mas com

que contava, geralmente, com a participação de músicos estrangeiros, onde também se encontravam muitos italianos. Estas entidades tinham como finalidade reunir os profissionais da música, bem como promover recitais para o público (SIMÕES, 2011, p.113-115).

Músicos italianos em Porto Alegre

O músico italiano aparece na cidade em meio às transformações que Porto Alegre começou a apresentar, principalmente, no início do século passado. Em 1900, o município já demonstrava ares de uma sociedade cosmopolita. Núncia Santoro de Constantino assinala que:

O centro era o espaço das sociabilidades públicas e, antes que uma reordenação global fosse promovida, fez-se da Rua da Praia um *boulevard*. Pois era ali que havia a maior concentração de estabelecimentos comerciais. Em 1895, dos 286 estabelecimentos registrados, 161 são identificados com segurança por seus proprietários com sobrenome estrangeiro, descontados aqueles que evidenciam sobrenomes lusos. Com proprietários de origem italiana estão registrados 78 estabelecimentos, 48 são alemães, 22 denunciam origem francesa, árabe, judaica, polonesa, espanhola ou grega. (1998, p. 151)

No final do século XIX, dentre os estrangeiros radicados na capital gaúcha, evidenciava-se presença significativa de peninsulares, que possuíam estabelecimentos comerciais na principal rua da cidade.

Em 1908, o Instituto de Artes da Universidade do Rio Grande do Sul (atual UFRGS) foi inaugurado, juntamente, com o Conservatório de Música, assinalando já o interesse dos administradores do Estado a incentivar o ensino das artes (CORTE REAL, 1984, p. 234-237).

No primeiro corpo docente do Conservatório de Música foi composta com indivíduos provenientes da Itália. A exemplo, do professor Biagio Messina que lecionou aulas de instrumentos de sopro (Ibid., 1984, p. 237-238).

É importante mencionar que presença de musicistas italianos não se restringia apenas em Porto Alegre, como também em outros centros urbanos do Estado, como é o caso de Pelotas também evidenciava a participação de artistas peninsulares no final do século XIX (ANJOS, 1999, p. 8).

Em 1924, o intendente Otávio Rocha assumiu a administração da capital do Rio Grande do Sul. O administrador em seu mandato continuou com as reformas urbanísticas iniciadas por seu predecessor José Montauri.

Na esfera cultural, o intendente procurou fundar uma banda municipal, e para realizar tal “obra” artística incumbiu José Corsi, músico italiano, radicado no Estado na segunda metade do oitocentos. Corsi viajou para Buenos Aires, a fim de encontrar profissionais aptos. Antonio Corte Real lembra que:

Em contato com o afamado regente italiano Gino Marinuzzi, que regia nesta ocasião uma temporada lírica na capital portenha, externa-lhe José Corsi a dificuldade que se lhe deparava de encontrar pessoa apta para assumir o encargo de diretor da Banda Municipal, de Porto Alegre. Sem vacilar, informa-o Marinuzzi de que o homem procurado estava à mão, Era trompetista de sua orquestra e reunia as condições necessárias para o fiel desempenho das funções inerentes ao cargo a preencher. Referia-se ele a José Leonardi (1984, p. 50).

Após a indicação do maestro Marinuzzi, Giuseppe Leonardi⁵ foi convidado para ser o diretor e maestro da Banda Municipal de Porto Alegre. Em 1925, o maestro viajou para o Brasil, e Paulo Ricardo Leonardi Paranhos comenta que:

Ele [Leonardi] veio ter uma entrevista com o prefeito, até porque o prefeito confirmou para ele que gostaria que ele viesse montar esta banda em Porto Alegre, mas [Leonardi] respondeu para o prefeito que com os músicos que ele viu aqui [em Porto Alegre] não se poderia formar uma banda sinfônica. [...] Ele para rever e continuar com a amizade com os amigos músicos que ele tinha lá na Itália, ele disse ao prefeito: “se o senhor quer formar uma banda de primeira qualidade,

⁵ Giuseppe Leonardi nasceu em 1880 em Mascalucia, província de Catania, na Sicília. Em 1906, aos 26 anos, o músico laureou-se como professor de instrumentação de Bandas no Real Conservatório di Musica Vittorio Bellini em Palermo. Em 1925, Leonardi chegou a Porto Alegre para ser o regente da Banda Municipal da cidade (CORTE REAL, 1984, p. 53).

precisa mandar vir tantas famílias lá da Itália que eu monto a banda!”(2012, p.3).

Leonardi para constituir a banda que ele regeria, e com o consentimento do administrador da capital gaúcha, convidou uma série de músicos italianos necessários para compor a Banda Municipal de Porto Alegre. Assim, o maestro siciliano junto de José Corsi viajou para buscar os novos membros para criar a banda. Corte Real frisa:

De sua viagem a Buenos Aires trouxe José Corsi, depois de selecionados mediante competentes provas, dezoito instrumentistas, em sua maioria de nacionalidade italiana, que chegaram a Porto Alegre em novembro de 1925; com sua ida à Itália, conseguiu contratar maior número de músicos, integrado por instrumentistas da Banda Municipal de Reggio Calabria, que fora extinta, e outros procedentes de Messina e de Catania – Sicília – que passaram a residir e exercer a música em Porto Alegre (1984, p. 52).

A partir de José Corsi e Giuseppe Leonardi outros músicos estrangeiros chegaram ao Estado do Rio Grande do Sul. Assim, o maestro favoreceu o ingresso de novos musicistas, como também de novos imigrantes italianos meridionais que se somaram a “colônia” urbana existente na cidade de Porto Alegre (CONSTANTINO, 2007, p.41).

Vale lembrar que a entrada de novos músicos adveio de uma necessidade de profissionais qualificados. O sociólogo alemão, Georg Simmel, ressalta que o estrangeiro na sociedade receptora desempenha misteres cujos indivíduos daquele espaço não exercem (1986, p. 717). Logo, os musicistas peninsulares – que desembarcam no Rio Grande do Sul em 1925 – vieram para suprir uma carência de mão de obra qualificada no segmento musical.

Em 1926, Giuseppe Leonardi regeu a primeira apresentação da Banda Municipal de Porto Alegre que aconteceu no Teatro São Pedro, principal e mais antigo teatro da capital. Entrementes, os futuros concertos da banda ocorreriam no auditório Araújo Vianna, anfiteatro, que foi erigido já com o propósito de ser a casa da banda municipal da cidade.

A Banda Municipal realizava, semanalmente, duas apresentações. O corpo musical era contava com um maestro e um elenco de 57 músicos. A maioria dos musicistas era composta por italianos que se fixaram em Porto Alegre.

O corpo musical dirigido pelo maestro Leonardi era uma banda sinfônica formada aos moldes europeus. Os artistas que compuseram a Banda Municipal de Porto Alegre colaboraram de forma significativa, pois qualificaram o cenário musical do Rio Grande do Sul. A maioria dos músicos possuía competências que os permitia integrar qualquer conjunto orquestral (PARANHOS, 2012, p.8).

Os músicos, que compunham a Banda Municipal, tocavam instrumentos de sopro, exceto, Giovanni Leonardi que era o contrabaixista. No cenário porto-alegrense, a maioria dos musicistas peninsulares tocava instrumentos de sopro (oboé, clarinete, trompete entre outros) enquanto os alemães tinham ênfase naqueles de corda (SIMÕES, 2011, p.206).

A Banda seguiu uma trajetória de sucesso desde sua criação até a década de 50, quando ela começou a se desfragmentar⁶. Em 1950, o maestro Leonardi aposentou-se quando completou os seus 70 anos.

A partir de 1950, o município de Porto Alegre abarcou outro projeto musical, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Com a criação da OSPA, a maioria daqueles músicos da Banda Municipal integraram a nova orquestra, dentre estes alguns italianos.

A partir da Lei municipal n°. 1722, promulgada pelo prefeito Leonel Brizzola, em 1957, prescreveu a extinção do preenchimento dos cargos dos músicos da Banda Municipal. Esta decisão da administração da municipalidade significou o fim da banda.

A partir da presença de músicos peninsulares, pode-se verificar que se ofereceram oportunidades de trabalho interessantes que atraiu expressivo número de profissionais italianos qualificados para o Brasil. Assim, como ocorreu nos Estados

⁶ A Banda com o projeto de Lei não admitiria mais concurso para o ingresso de novos músicos em 1961. A banda “encerrou” suas atividades na década de 60. Entretanto, ela foi recriada em 1976, e funcionando até hoje (CORTE REAL, 1984, p. 60).

Unidos, como destaca a pesquisadora Regina Soria, uma significativa imigração qualificada composta por artistas peninsulares da arte visual (escultores, pintores, marmoristas) (1997 p. 5-10).

Em síntese, a trajetória dos músicos da Banda Municipal de Porto Alegre é indiciária de uma imigração particular de músicos italianos no Brasil. Os musicistas integram ao grupo de artistas plásticos, médicos, arquitetos, pintores e artesãos— isto é, aqueles emigrados detentores de uma formação qualificada – que se radicaram no território brasileiro, constituindo uma imigração escassamente explorada.

Portanto, através da Banda Municipal de Porto Alegre evidencia-se mais um dos espaços profissionais de atuação de imigrantes italianos no Brasil. Além disso, é preciso sublinhar a participação de músicos provenientes da Itália com formação qualificada que contribuíram de modo significativo para o campo artístico brasileiro no transcorrer do século XX.

Referências Bibliográficas:

ANJOS, Marcos Hallal dos. Italianos e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. **História em Revista**, Pelotas, vol. 5, dez. 1999, p. 1-10.

CAMERANA, Ludovico Incisa di. **El Gran Éxodo: Historia de las migraciones italianas en el mundo**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2005.

CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 12, jul. 2007.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975.

COLUCCI, Michele; SANFILLIPPO, Matteo. **Guida allo studio dell’emigrazione Italiana**. Viterbo: Sette Città, 2010.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. Imigrantes italianos: partir, transitar, *chegar*. In: RECKIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Org.). **História geral do Rio Grande do Sul**. República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 3.

_____. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007. 174 p.

CORAZZOL, Adriana. Músicos Italianos na América Latina entre os séculos XIX e XX: lembranças e testemunhos. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 132-135, Dez. 2012.



CORTE REAL, Antônio T. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1980.

CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007. 147 p.

GOLINI, Antonio; AMATO, Flavia. Uno sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Partenze. Roma: Donzelli, 2002

LUCAS, Maria Elizabeth. Classe dominante e cultura musical no RS: do amadorismo à profissionalização. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 150-167.

MENEGOTTO, Renato. **Cultura arquitetônica italiana na construção de residências em Porto Alegre: 1892-1930**. 2011. 295 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RAFFAELE, Giovanni. Siciliani nel mondo. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). **Storia della Sicilia: dal Seicento a oggi**. Bari: Laterza, 2003. p. 113-133. 241 p.

RUGGIERO, Antonio de. **Emigrati Toscani nel Brasile Meridionale 1875-1914**. 2011. 272 f. Tese (doutorado in Storia) – Dottorato di ricerca in Studi Storici per l'età Moderna e Contemporanea, USF, Firenze, 2011.

SIMÕES, Julia da Rosa. **Ser músico e viver da música no Brasil: um estudo da trajetória do Centro Musical Porto-Alegrense (1920-1933)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SORIA, Regina. **Fratelli lontani: il contributo degli artisti italiani all'identità degli Stati Uniti 1776-1945**. Napoli: Liguori, 1997.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

Entrevista:

PARANHOS, Paulo Ricardo Leonardi. **Trajetória de Giuseppe Leonardi** [ago. 2012]. Entrevistadores: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.